

João Dallamuta
Luiz César de Oliveira
Henrique Ajuz Holzmann
(Organizadores)



Administração, Empreendedorismo e Inovação 4

João Dallamuta
Luiz César de Oliveira
Henrique Ajuz Holzmann
(Organizadores)



Administração, Empreendedorismo e Inovação 4

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A238	Administração, empreendedorismo e inovação 4 [recurso eletrônico] / Organizadores João Dallamuta, Luiz César de Oliveira, Henrique Ajuz Holzmann. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Administração, Empreendedorismo e Inovação; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-774-1 DOI 10.22533/at.ed.741191111 1. Administração. 2. Empreendedorismo. 3. Inovações tecnológicas. I. Dallamuta, João. II. Oliveira, Luiz César de. III. Holzmann, Henrique Ajuz. IV. Série. CDD 658.421
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Esta obra é composta por pesquisas realizadas por professores de cursos de gestão. Optamos por uma abordagem multidisciplinar por acreditarmos que esta é a realidade da pesquisa em nossos dias.

Optamos pela separação em áreas amplas de conhecimento. No volume 1, trabalhos com uma abordagem empreendedora. No volume 2, trabalhos com vertentes em comportamento do consumidor e mercados. E no volume 3 uma abordagem gerencial ampla.

A realidade é que não se consegue mais compartimentar áreas do conhecimento dentro de fronteiras rígidas, com a mesma facilidade do passado recente. Se isto é um desafio para trabalhos de natureza mais burocrática como métricas de produtividade e indexação de pesquisa, para os profissionais modernos está mescla é bem-vinda, porque os desafios da multidisciplinariedade estão presentes no mercado e começam a ecoar no ambiente mais ortodoxo da academia.

Aos autores e editores, nosso agradecimento pela oportunidade de organização da obra, críticas e sugestões são sempre bem-vindas.

Boa leitura

João Dallamuta
Luiz César de Oliveira
Henrique Ajuz Holzmann

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: DELINIAMENTO DE AÇÕES DIDÁTICAS PARA GESTORES EMPREENDEDORES	
Creuza Martins França Jair de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7411911111	
CAPÍTULO 2	13
ALICERCES DO DESENVOLVIMENTO: CULTURA EMPREENDEDORA E REDES DE SUPORTE AO EMPREENDEDORISMO (ECOSSISTEMA)	
Audemir Leuzinger de Queiroz Celia Lima Paradela	
DOI 10.22533/at.ed.7411911112	
CAPÍTULO 3	25
DESAFIOS E FACILIDADES QUE IMPACTAM NA CRIAÇÃO DE <i>STARTUPS</i>	
Antonio Aparecido de Carvalho Maria do Socorro de Souza Milton Carlos Farina	
DOI 10.22533/at.ed.7411911113	
CAPÍTULO 4	44
EMPREENDEDORISMO COMPORTAMENTAL NA GERAÇÃO Z: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PROFISSIONALIZANTE	
Henrique Pereira da Silva Jorge Lucas Nogueira Valter de Souza Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.7411911114	
CAPÍTULO 5	56
EVOLUÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL	
Patricia Gava Ribeiro Vanessa Ishikawa Rasoto	
DOI 10.22533/at.ed.7411911115	
CAPÍTULO 6	75
O EMPREENDEDORISMO E O EMPREENDEDORISMO SOCIAL: UM ESTUDO DA ÁREA RURAL	
Antonio Costa Gomes Filho Roni Antonio Garcia da Silva Luana da Silva Garcia Christlaine Caroline de Souza Adriane de Fátima Machado	
DOI 10.22533/at.ed.7411911116	

CAPÍTULO 7	82
ESTUDO DAS ESTRATÉGIAS GENÉRICAS DE PORTER NO POLO SETORIAL MOVELEIRO DO OESTE DE SANTA CATARINA	
José Valci Pereira Rios Rodrigo Barichello	
DOI 10.22533/at.ed.7411911117	
CAPÍTULO 8	98
FATORES DETERIMANTES PARA O SUCESSO EM NOVOS EMPREENDIMENTOS	
Douglas Schmidt Tania Marques Tybusch	
DOI 10.22533/at.ed.7411911118	
CAPÍTULO 9	110
IMPACTO DO CUSTO BRASIL NO DESENVOLVIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES	
Gilmar Antônio Vedana Gilmar Ribeiro de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.7411911119	
CAPÍTULO 10	123
EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Claudio Alvim Zanini Pinter Domingos Pignatel Marcon Marcelo Miguel da Silva Marilene da Rosa Lapolli Bárbara Beatriz da Silva Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.74119111110	
CAPÍTULO 11	136
DESENVOLVIMENTO DE DISCIPLINA EAD PARA ALUNOS DE PÓS- GRADUAÇÃO: “EMPREENDEDORISMO DE BIOPRODUTOS”	
Cesar Augusto de Oliveira Júnior Rui Seabra Ferreira Junior Ana Silvia Sartori Barraviera Seabra Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.74119111111	
CAPÍTULO 12	145
AS PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO DO NEGÓCIO COM A FORMALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DO CRESCIMENTO DE MEI NO BRASIL	
Marcelo da Costa Borba Josefa Edileide Santos Ramos Maria do Carmo Maracajá Alves Jose Eduardo Melo Barros Luiz Gustavo Lovato João Armando Dessimon Machado	
DOI 10.22533/at.ed.74119111112	
CAPÍTULO 13	158
AS INFLUÊNCIAS DA LIDERANÇA NOS AMBIENTES ORGANIZACIONAIS	
Osnei Francisco Alves	

Eliete Cristina Pessôa

DOI 10.22533/at.ed.74119111113

CAPÍTULO 14 173

ANÁLISE DO PROCESSO DECISÓRIO EM FUNDOS TECH VENTURE CAPITAL
SOB A ÓTICA DE FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

Eduardo da Costa Ibrahim

DOI 10.22533/at.ed.74119111114

CAPÍTULO 15 195

COMO É EMPREENDER EM PERÍODOS TURBULENTOS: UM ESTUDO DO
COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR BRASILEIRO EM PERÍODO DE CRISE

Ellen Carvalho Alves

Paulo Roberto Alves

Cristina Becker Matos Nabarro

Marcos Antonio Maia de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.74119111115

CAPÍTULO 16 207

IMPLANTAÇÃO DA EMPRESA JÚNIOR DO CURSO BACHARELADO EM
AGROINDÚSTRIA

Maycon Fagundes Teixeira Reis

Edilaine Alves da Silva Santos

Everton Oliveira Cassemiro Aragão

Fabiana Oliveira da Silva

Claudia Regina Lima Cruz

Claudenice dos Santos

Graciele de Souza Aragão

Katydyane da Silva Sá

Flávio Américo Fernandes de Oliveira

Fábio de Melo Resende

Danilo Santos Souza

Anny Kelly Vasconcelos de Oliveira Lima

DOI 10.22533/at.ed.74119111116

CAPÍTULO 17 220

ANÁLISE COMPARATIVA DA VIABILIDADE ECONÔMICA DA INSTALAÇÃO DE
ENERGIA SOLAR FOTOVOLTAICA EM UNIDADES FAMILIARES

José Barbosa Filho

Lucas Majedieu Damasceno da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.74119111117

CAPÍTULO 18 245

RELAÇÃO ENTRE STARTUPS E GRANDES EMPRESAS – COPORATE VENTURE
E ESTUDO DE CASO DE AQUISIÇÃO DE UMA STARTUP

Anna Patrícia Teixeira Barbosa

Arthur Guimaraes Carneiro

Débora Franceschini Mazzei

Eraldo Ricardo dos Santos

Fernanda Zambon de Carvalho

Higor dos Santos Santana

Krishna Aum de Faria

Marcus Vinicius Lopes Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.74119111118

CAPÍTULO 19 262

REDES DE COOPERAÇÃO: TRAÇANDO UM NOVO MAPA CONCEITUAL

Franciani Fernandes Galvão Mulina

DOI 10.22533/at.ed.74119111119

CAPÍTULO 20 275

PERCEPÇÕES DE MICRO E PEQUENOS EMPRESÁRIOS QUANTO À UTILIDADE DE INFORMAÇÕES FINANCEIRAS

Deisy Cristina Corrêa Igarashi

Solange Pimentel

Wagner Igarashi

Flávia Mayara Segate

DOI 10.22533/at.ed.74119111120

CAPÍTULO 21 289

A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS FINANCEIRAS NAS ORGANIZAÇÕES

Jean Gleyson Farias Martins

Jizabely de Araujo Atanasio Martins

Rodrigo José Guerra Leone,

Soraya Campos da Costa

Ricardo Vitor Fernandes da Silva,

Daniyel Ferreira de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.74119111121

CAPÍTULO 22 302

ESTUDO SOBRE A GESTÃO DE RESÍDUO: PROPOSTA DE APLICAÇÃO DAS FERRAMENTAS 5S E FLUXOGRAMA NO AMBIENTE HOSPITALAR

Mariangela Catelani Souza

Elizângela Cristina Begido Caldeira

Bruna Grassetti Fonseca

Carlos Alípio Caldeira

Lygia Aparecida das Graças Gonçalves Corrêa

Anderson G. Penachiotti

Fausto Rangel Castilho Padilha

Patricia Cristina de Oliveira Brito Cecconi

Humberto Cecconi

Ana Paula Garrido de Queiroga

Tulio do Amaral Pessoa

Felipe Fonseca dos Santos Marques

DOI 10.22533/at.ed.74119111122

CAPÍTULO 23 314

PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR PARA O SERVIDOR PÚBLICO E GOVERNANÇA

Edson Wasem

DOI 10.22533/at.ed.74119111123

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 347

ÍNDICE REMISSIVO 348

IMPACTO DO CUSTO BRASIL NO DESENVOLVIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES

Gilmar Antônio Vedana

Faculdade de Ampére-FAMPER
Ampére-PR

Gilmar Ribeiro de Mello

Universidade Estadual do Oeste do Paraná-
UNIOESTE
Francisco Beltrão-PR

RESUMO: Os altos custos produtivos no Brasil rendem vários debates. O presente trabalho tem o objetivo de verificar a relação das variáveis do Custo Brasil no desenvolvimento das indústrias de médio porte do Sudoeste do Paraná. Para tanto, trabalhou-se no referencial teórico o conceito de Custo Brasil e seus componentes: Logística e infraestrutura brasileira; Carga Tributária Brasileira; Encargos e Leis Trabalhistas no Brasil; Energia Elétrica; Telecomunicações; Juros (custo de capital); Burocracia; Corrupção; e Instabilidade da moeda. Utilizou-se uma abordagem quantitativa com o emprego da regressão, onde verificou-se a relação das variáveis do Custo Brasil com as variáveis de desenvolvimento das organizações: Margem Líquida; Empregabilidade; Produtividade; Custos de Produção; Competitividade Nacional; e Competitividade Internacional. O estudo foi realizado com 32 indústrias do Sudoeste do Paraná. Com a pesquisa detectou-se que o Custo Brasil explica as variações da variável

competitividade nacional, mostrando-se contrário aos estudos apontados na literatura, no qual a amostra evidencia que elevando o Custo Brasil aumenta a competitividade nacional das indústrias.

PALAVRAS-CHAVE: Competitividade. Custo Brasil. Desenvolvimento Organizacional.

IMPACT OF BRAZIL COST ON THE DEVELOPMENT OF ORGANIZATIONS

ABSTRACT: The high productive costs in Brazil yield several debates. This paper aims to verify the relationship of the Cost Brazil variables in the development of mid-sized industries in southwestern Paraná. To this end, we worked on the theoretical framework the concept of Custo Brasil and its components: Brazilian logistics and infrastructure; Brazilian Tax Burden; Labor Charges and Laws in Brazil; Electricity; Telecommunications; Interest (cost of capital); Bureaucracy; Corruption; and currency instability. A quantitative approach was used with the use of regression, where it was verified the relation between the Brazil Cost variables and the development variables of the organizations: Net Margin; Employability; Productivity; Production costs; National competitiveness; and International Competitiveness. The study was conducted with 32 industries of southwestern Paraná. With the research it was found that

the Brazil Cost explains the variations of the national competitiveness variable, being contrary to the studies mentioned in the literature, in which the sample shows that raising the Brazil Cost increases the national competitiveness of industries.

KEYWORDS: Competitiveness. Brazil cost. Organizational development.

1 | INTRODUÇÃO

Tornam-se cada vez mais frequentes os debates acerca dos altos custos que envolvem as operações produtivas no Brasil, bem como, a precária infraestrutura do país que acaba por elevar ainda mais o custo da indústria.

O cenário econômico do Brasil caracteriza-se por desencadear vários fatores que tendem a prejudicar o desenvolvimento das empresas. Esses fatores estruturais, burocráticos e econômicos, combinados, formam o que muitos economistas chamam de “Custo Brasil”.

O principal fator relacionado na literatura é a alta carga tributária brasileira, causando inibição de investimentos no país, impedindo que as empresas brasileiras forneçam seus produtos a preços mais acessíveis, tornando-as menos competitivas no mercado globalizado.

Os altos encargos e a complexidade das leis trabalhistas do Brasil também influenciam negativamente no desempenho das organizações. As empresas poderiam remunerar melhor seus empregados e fornecer melhores benefícios se a folha de pagamento não fosse onerada pelos encargos e se a relação entre empregadores e empregados não fosse por demais prejudicada pelo emaranhado de leis, inviabilizando um equilíbrio de renda e negociações coletivas.

Os problemas de infraestrutura e logística no Brasil são enormes. Rodovias mal conservadas encarecem os produtos, pois tornam o frete mais elevado, além de ocorrer maior desperdício da produção. A falta de investimentos que possibilite a diversificação de modais de transporte faz com que as empresas optem pela disponibilidade de modais e não pelo modal mais econômico.

Há outros fatores que afetam a gestão organizacional das empresas brasileiras, como o custo de capital brasileiro com altas taxas de juros; a energia elétrica e as telecomunicações com as tarifas mais elevadas; a corrupção que tornou-se presente em várias relações brasileiras; a burocracia que retarda o desenvolvimento e impede a agilidade nas transações; e a instabilidade cambial formam as barreiras que as empresas brasileiras precisam ultrapassar para manterem-se competitivas e prosperar.

Esse conjunto de dificuldades afeta o desenvolvimento nacional, comprometendo a competitividade e eficiência das empresas brasileiras, além de encarecer o investimento no Brasil.

O presente trabalho tem o objetivo de verificar a relação das variáveis do Custo

Brasil no desenvolvimento das indústrias de médio porte do Sudoeste do Paraná, quando é correlacionado o Custo Brasil com as variáveis ligadas ao desenvolvimento das empresas, verificando assim se o Custo Brasil realmente interfere na gestão e desenvolvimento das indústrias em questão.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Custo Brasil

As indústrias brasileiras precisam lidar com um fenômeno interno que diminui sua competitividade e atrapalha o seu desenvolvimento (TREGENNA, 2009). As causas desse fenômeno são apontadas por vários autores como sendo os formadores CB, conforme ver-se-á a seguir.

CB pode ser definido como sendo um termo genérico, usado para descrever o conjunto de dificuldades estruturais, burocráticas e econômicas, que encarecem o investimento no Brasil, dificultando o desenvolvimento nacional, aumentando o desemprego, o trabalho informal, a sonegação de impostos e a evasão de divisas. Por isso, é apontado como um conjunto de fatores que comprometem a competitividade e a eficiência da indústria nacional (BARROS *et al.*, 1997; CASTOR, 1999; OLIVEIRA, 2000; LAFER, 2000; BOMFIM, 2013).

Na visão de Costa e Gameiro (2005), não há uma definição exata sobre o tema, mas destaca:

Alguns autores definem Custo Brasil como o conjunto de todos os gastos internos que acabam onerando produtos ou serviços brasileiros. Outros o descrevem como sendo impostos em cascata, corrupção na máquina burocrática, distorções presentes na estrutura tributária e custos com transportes terrestres, portos e comunicações. Existe, ainda, quem trate Custo Brasil relacionado às exportações, enfatizando as desigualdades comerciais que o Brasil enfrenta em relação a grandes potências mundiais (COSTA; GAMEIRO, 2005, p. 1).

De acordo com Bomfim (2013), a Confederação Nacional da Indústria (CNI) começa a explorar o termo “Custo Brasil” no ano de 1995 e, com isso, passa a fazer parte do vocabulário do país. A CNI lança uma cartilha para divulgar o assunto e destaca que o CB é um conjunto de ineficiências e distorções que prejudica a competitividade do seu setor produtivo.

O impacto do CB, comentado acima, pode ser ocasionado por fatores, como: o déficit público, elevados custos de transporte e portuários, a crescente carga tributária e os custos associados ao trabalho e à previdência (CASTOR, 1999).

Oliveira (2000) baseando-se na amplitude que a CNI tratou o termo CB explora as peculiaridades brasileiras existentes e que fortalecem o CB, como: dificuldade de aprovação de projetos e propostas políticas e sociais meramente por desavenças ou interesses políticos partidários, em que projetos importantes e inovadores são

abortados devido a este “perfil” brasileiro.

Palhoça (2015, p.1) amplia a gama de fatores e destaca os principais componentes do Custo Brasil: “a carga tributária, os custos portuários, os transportes, os encargos trabalhistas, os financiamentos, a energia e as telecomunicações e a regulamentação governamental”. Além dos citados, pode-se incluir também, a corrupção, a burocracia e a instabilidade cambial.

A seguir são apresentados os fatores que, segundo a literatura, compõem o CB, iniciando-se com a carga tributária (CT).

2.1.1 Carga tributária

O setor produtivo brasileiro lidera a geração de emprego e renda no país, mas esse potencial poderia ser mais eficiente se houvesse um ambiente mais favorável aos negócios, que estimulasse a ampliação da produção, atraísse novos investimentos e fornecesse produtos a preços mais acessíveis aos consumidores. O Brasil tem perdido empresas para outros países e um dos fatores que contribui para isso é a alta carga tributária (FERREIRA, 2015).

De acordo com Costa e Gameiro (2005), no Brasil, há muita distorção tributária, em que vários tributos são cobrados em cascata, ou seja, cumulados em todas as fases que envolvem os produtos. Segundo os autores, os tributos em cascata incentivam a sonegação e a informalidade, face à oneração causada.

Segundo Resende e Sousa (2014), o Brasil está entre os piores ambientes para se fazer negócios no mundo, com alta carga tributária direta e indireta, impactando no desestímulo aos investimentos na produção e no crescimento e desenvolvimento das organizações.

2.1.2 Encargos e leis trabalhistas

Segundo vários especialistas, os encargos e leis trabalhistas existentes no Brasil, dificultam, e muito, a competitividade das empresas brasileiras (NORONHA *et al.*, 2013).

Em uma análise da rede mundial de auditoria e contabilidade *UHY International*, o valor dos tributos brasileiros, tomando por base apenas os direitos e deveres trabalhistas previstos na Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, chegam a 57,56% do salário bruto, colocando o Brasil entre as nações com maiores custos de seguro social e demais impostos trabalhistas. A média global é de apenas 22,52%, já a média entre o grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS) é de 28,29% e a média do grupo dos sete países mais ricos do mundo (G7) é de 24,21%. Os Estados Unidos é o país com a menor contribuição entre os países analisados, aproximadamente 8,84% do salário bruto (BOMFIM, 2013).

2.1.3 Logística e infraestrutura

De acordo com Bomfim (2013, p. 29),

A logística brasileira é sem dúvidas um fator que deve ser analisado quando se fala de Custo Brasil. São os transportes de carga que movem a economia levando a produção agrícola, insumos e a produção industrial para todos os cantos do país e para o exterior.

O mesmo autor destaca que o Brasil é um país com dimensões continentais, com centros fabris espalhados por todas as regiões, e quanto maior o trecho, maior serão os custos com transporte, impactando na competitividade das indústrias.

Lima (2013), em seu estudo, argumenta que em países com razoável grau de industrialização, os custos com logística chegam a 6% do PIB nacional. Já no Brasil, chegam a 10%, ou seja, 40% acima da média mundial.

A falta de investimentos em infraestrutura causa consequências, como: deterioração das estradas, má conservação das vias férreas e baixa produtividade dos portos. A média de movimentação nos portos brasileiros é de 27 contêineres por hora, já a média internacional é de 40 contêineres por hora (BORGES, 2005). Cinco anos depois, em novo levantamento realizado pode-se perceber que esse número subiu para 35 contêineres/hora, ainda abaixo da média internacional que passou para 53 contêineres/hora (RAMOS *et al.*, 2010).

2.1.4 Custo do capital

De acordo com D'Agosto (2015):

Custo do capital é a taxa de retorno mínima para que os novos investimentos planejados por uma empresa possam ser efetuados. É a combinação entre a taxa de juros da economia e a rentabilidade exigida pelos acionistas para autorizar que a companhia se envolva em outros negócios (D'AGOSTO, 2015, p. 1).

Os altos juros praticados no Brasil impactam negativamente na economia e diminuem a confiança de investidores estrangeiros, fazendo com que diminuam os investimentos produtivos face ao encarecimento dos financiamentos, podendo, o investidor adiar seus planos ou optar por outro país, fortalecendo os impactos do CB (COSTA; GAMEIRO, 2005).

Outro elemento do custo de capital é o custo de capital de terceiros, conseguido através da venda de títulos no mercado de capitais ou por intermédio da obtenção de empréstimos junto ao sistema bancário, o qual, no Brasil, o predominante é os empréstimos bancários, já que o mercado de capitais brasileiro é muito reduzido (OREIRO *et al.*, 2007).

Segundo estudo realizado pela ABIMAQ, em 2013, os custos de investimento encareceram 1,16% os produtos brasileiros frente aos alemães e americanos. Ou seja, os produtos nacionais são encarecidos, pois as empresas repassam os custos

que tiveram com a obtenção de financiamentos no preço dos produtos (BOMFIM, 2013).

2.1.5 Energia elétrica

A Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro – FIRJAN (2013) fez um levantamento e apontou que, em 2013, a energia elétrica brasileira custava 134% a mais que nos demais países do BRICS, 67% mais elevada que as demais nações da América do Sul e 50% mais cara, em um grupo de 27 países pesquisados.

Conforme anunciado pela FIRJAN, o Brasil passou a ocupar o primeiro lugar no ranking com a energia mais cara, 107,5% superior à média dos demais e 330% mais cara que os Estados Unidos.

De acordo com a FIESP (2013), a tarifa de energia elétrica praticada no Brasil, até 2012, era a terceira mais cara do mundo, apesar de ser produzida da forma mais barata que existe.

Mamona (2014) informa que o Brasil ocupa o 11º lugar no ranking de custo de energia no setor industrial no mundo, custando 8,8% mais caro que a média dos outros países.

2.1.6 Telecomunicações

Segundo Silva (2011), os custos com telecomunicações, no Brasil, contribuem para a formação do CB, apresentando aspectos, como:

- (i) cobranças desproporcionais pelo direito de passagem para uso da faixa de domínio pelas redes de cabos aéreos e subterrâneos em rodovias e ferrovias brasileiras; (ii) taxas elevadas para utilização dos postes das distribuidoras de energia elétrica; e (iii) existência de leis e decretos municipais que estabelecem preços (ou contribuições pecuniárias) que as operadoras precisam pagar como contrapartida ao uso do espaço público (subsolo e espaço aéreo) (SILVA, 2011, p. 1).

Oliveira (2000) traz em seu estudo que as telecomunicações brasileiras apresentavam rápida deterioração, contribuindo para a formação do CB, dificultando os negócios.

Elia (2013) informa, baseado no relatório do IPEA, que o Brasil está entre as nações com maiores custos de telecomunicações e com pior qualidade. Para se ter internet com alta velocidade no Brasil paga-se 300% a mais que na Rússia e é 900% mais caro que nos Estados Unidos. Na média dos países desenvolvidos, o Brasil apresenta um custo cinco vezes maior.

2.1.7 Corrupção

O Brasil apresenta um dos maiores índices de corrupção do mundo e os custos com estas práticas representam 0,5% do PIB nacional. Esse percentual seria

suficiente para resolver os principais problemas de estrutura do país e acelerar seu desenvolvimento (PIMENTEL, 2014).

Entende-se por corrupção todo e qualquer comportamento que envolva um ou mais agentes do Estado, direta ou indiretamente, cujas consequências causem danos aos processos democráticos e seus valores, como por exemplo, os valores de igualdade, justiça e representação política (PAZ, 2014, p. 19).

O autor trata a corrupção como um problema global e que gera inúmeras consequências negativas para a sociedade, mais precisamente aos cidadãos que necessitam de recursos que, muitas vezes, são desvirtuados por esta anomalia, afetando o sistema político e transformando-se no maior desafio da democracia.

2.1.8 Burocracia

De acordo com Costa (2012, p. 54), “o termo burocracia indica criticamente a proliferação de normas e regulamentos, o ritualismo, a falta de iniciativa e o desperdício de recursos, em suma, a ineficiência das grandes organizações públicas e privadas”.

Segundo Costa (2012), a burocracia é sinônimo de papelada, várias etapas de processos (tramitações), excesso de regulamentos, que acabam gerando ineficiência pública e privada.

Dentre os fatores do CB está o excesso de burocracia existente no Brasil, que vai da abertura de uma empresa às etapas pós-produção. Para abrir uma empresa no Brasil, cumprindo todos os trâmites legais, demora-se em média 40 dias úteis (DUARTE, 2010).

2.1.9 Instabilidade Cambial

Um dos principais fatores contributivos para a baixa competitividade da indústria brasileira é a política cambial do Brasil, causando também a desindustrialização do país (CANO, 2013).

Reis (2013) também apresentou a mesma opinião e acrescenta que este fenômeno é conhecido como “doença holandesa”, podendo ocorrer quando o país descobre recursos naturais comercializáveis ou quando há grande aumento nos preços das *commodities*.

Em épocas que há moeda forte e certa estabilidade monetária, ocorre a impressão de que é mais rentável produzir para o mercado interno, pois os custos são menores. Entretanto, atuar em mercados externos possibilita aumentar a capacidade produtiva, a competitividade, a conquista de novos mercados, além de ser uma alternativa caso a economia nacional apresente queda (VERRUCK, 2009).

Lima e Silva (2010), possuem a visão que a moeda forte traz um crescimento econômico equilibrado, onde os investimentos são aplicados diretamente no processo produtivo, aumentando a geração de empregos e a produtividade das organizações.

Uma economia com moeda fraca retarda o processo produtivo, prejudicando as remunerações e o consumo, diminuindo também o nível de investimento e empregabilidade (LIMA; SILVA, 2010).

3 | METODOLOGIA

Em relação à abordagem do problema, a pesquisa classifica-se como quantitativa. Utilizou-se a técnica estatística de Regressão Linear Simples que, segundo Fávero *et al.* (2009), é bastante empregada nas áreas de negócios e em pesquisas acadêmicas, sendo utilizada, principalmente, com o propósito de previsão. A técnica compreende a análise dos dados amostrais para obter informações sobre se duas ou mais variáveis são relacionadas e qual a natureza desse relacionamento.

A presente pesquisa verificará a correlação do Custo Brasil com as variáveis ligadas ao desenvolvimento das empresas, verificando assim se o Custo Brasil realmente interfere na gestão e desenvolvimento das indústrias do Sudoeste do Paraná.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	VARIÁVEIS DEPENDENTES
Variável Independente: Custo Brasil	Variáveis Dependentes: VD1: Margem Líquida VD2: Empregabilidade VD3: Produtividade VD4: Custos de Produção VD5: Competitividade Nacional VD6: Competitividade Internacional

Quadro 1: Grupo de Variáveis

FONTE: Elaborado pelo autor (2016).

O universo da pesquisa é composto pelas indústrias do Sudoeste do Paraná, distribuídas entre os 42 municípios da região.

A amostra da pesquisa foi definida por conveniência e intencional, considerando as indústrias de médio porte, ou seja, segundo a classificação do SEBRAE (2013), são as empresas que possuem entre 99 e 499 empregados.

Os dados secundários foram coletados através da literatura existente acerca do tema abordado. Os questionários foram enviados para 41 das 44 empresas da amostra. Dos 41 questionários entregues, obteve-se retorno de 32, representando uma participação de 78,05% da amostra.

4 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com a intenção de atender o objetivo da pesquisa, de verificar qual o impacto do Custo Brasil na gestão e no desenvolvimento das indústrias de médio porte do Sudoeste do Paraná, realizou-se a regressão do Custo Brasil x Desenvolvimento.

Através do auxílio do software SPSS®, versão 22.0, foram submetidas às regressões lineares simples, as variáveis dependentes relacionadas ao desenvolvimento das indústrias da amostra e a variável explicativa Custo Brasil, conforme demonstrado no Quadro 1 da metodologia.

De acordo com os resultados das regressões, o Custo Brasil não explica, de forma estatística, as variações das variáveis de desenvolvimento: margem líquida, empregabilidade, produtividade, custos e competitividade internacional. Pois, conforme demonstrado na Tabela 1, o Custo Brasil apresenta nível de significância maior que 5% (Sig. > 0,05), levando a conclusão de não significância, ao nível de 95% de confiança.

Variável Independente	Variável Dependente	Coeficientes Não Padronizados		Coeficientes Padronizados	t	Sig.
		B	Erro Padrão	Beta		
Custo Brasil	Margem Líquida	0,093	0,182	0,093	0,513	0,611
Custo Brasil	Empregabilidade	0,044	0,182	0,044	0,241	0,811
Custo Brasil	Produtividade	0,047	0,182	0,047	0,256	0,799
Custo Brasil	Custos	0,177	0,180	0,177	0,983	0,333
Custo Brasil	Competitividade Intern.	0,038	0,182	0,038	0,207	0,837

Tabela 1: Variáveis Excluídas do Modelo

FONTE: Dados da pesquisa

Conforme observado na Tabela 2, o Custo Brasil se mostrou estatisticamente significativo para explicar as variações da variável competitividade nacional, pois o nível de significância é menor que 5% (Sig. < 0,05). O coeficiente de determinação (R quadrado) demonstra que 14,5% da variável competitividade nacional é explicada pela variável do modelo (Custo Brasil).

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,381 ^a	,145	,116	,94001576
2	,427 ^b	,182	-,014	1,00707758

a. Preditores: Competitividade Nacional

b. Preditores: Demais variáveis

Tabela 2: Resumo do modelo

FONTE: Dados da pesquisa

Depois de confirmada a validade do modelo, é necessário analisar a significância do coeficiente B estimado por meio do teste T de Student, o qual é positivo (0,381), demonstrando que o Custo Brasil impacta, de forma positiva, na variação da Competitividade Nacional.

Modelo B	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
	Erro Padrão	Beta			
(Constante)	-1,204E-15	,166		,000	1,000
Custo Brasil	,381	,169	,381	2,254	,032

Variável Dependente: Competitividade Nacional

Tabela 3: Coeficientes da Regressão do Custo Brasil x Competitividade Nacional

FONTE: Dados da pesquisa

Por fim, além da significância estatística, o modelo precisa atender aos pressupostos da regressão. Analisando os dados da Tabela 4, pode-se chegar às seguintes conclusões:

- Ausência de Autocorrelação Serial: O pressuposto foi atendido, pois o resultado do teste de *Durbin-Watson* (DW) foi de 1,821, estando situado na parte central da tabela da estatística DW, na região V, área de ausência de autocorrelação;
- Normalidade: O pressuposto foi atendido, pois o resultado do teste *Kolmogorov-Smirnov* foi de 0,316, aceitando a hipótese nula de que a distribuição da série testada é normal;
- Homoscedasticidade: O pressuposto foi atendido, pois o teste de *Pesarán-Pesarán* foi de 0,407, aceitando a hipótese nula de que os resíduos são homoscedásticos.

PRESSUPOSTO	Testes/Resultados	
	Tolerância	VIF
Ausência de Autocorrelação Serial	Durbin Watson	1,821
Normalidade	Kolmogorov-Smirnov	0,316
Homoscedasticidade	Pesarán-Pesarán	0,407

Tabela 4: Pressupostos da Regressão

FONTE: Dados da pesquisa

Com a realização da regressão é possível afirmar que o Custo Brasil tem impacto na competitividade nacional das empresas da amostra. Cada ponto percentual que se eleva no Custo Brasil, aumenta 0,381% a competitividade das empresas no mercado interno.

Os resultados aqui expostos são contrários aos comentários da literatura pesquisada. Pela falta de estudos idênticos ou semelhantes não pode-se comparar os resultados aqui apresentados, mas pode-se valer dos comentários de Barros *et al.* (1997); Castor (1999); Oliveira (2000); Lafer (2000); Bomfim (2013), que destacam o Custo Brasil como sendo o conjunto de fatores que comprometem a competitividade e a eficiência da indústria nacional.

Isto pode ser um fenômeno específico da amostra pesquisada, mas uma possível explicação para estes resultados é que, a maioria das indústrias da amostra são empresas maduras, com vários anos de existência, que já conseguiram colocação no mercado e com a adoção de estratégias competitivas permanecem fortes, preparadas para enfrentar a concorrência. Desta forma, quando o Custo Brasil aumenta, essas empresas melhoram suas estratégias automaticamente, ao contrário de empresas novas, onde o aumento do Custo Brasil pode chegar de surpresa e diminuir a competitividade da organização, pois gastarão muito mais esforços para neutralizar este impacto.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se com o estudo, que as empresas brasileiras necessitam vencer uma série de fatores internos que, somados entre si, formam o Custo Brasil e dificultam sua competitividade, atrapalhando o seu desenvolvimento.

Esse conjunto de dificuldades estruturais, burocráticas e econômicas obrigam as empresas brasileiras a adotarem estratégias competitivas que visem amenizar seu impacto, agregando vantagens competitivas para manterem-se vivas no mercado.

Com a pesquisa e realização da regressão simples, foi possível atingir o objetivo do estudo. Sendo que, o objetivo foi de verificar qual o impacto do Custo Brasil na gestão e no desenvolvimento das indústrias de médio porte do Sudoeste do Paraná, responde-se identificando que a variável competitividade nacional mostrou-se impactada, de forma estatisticamente significativa, pelo Custo Brasil, enquanto que as demais (Margem Líquida; Empregabilidade; Produtividade; Custos de Produção; e Competitividade Internacional), estatisticamente não são significantes.

Diante dos resultados, quando o Custo Brasil se eleva, a competitividade nacional também aumenta. Isto pode ser uma peculiaridade da amostra, mas pode haver explicação pelo fato de que participaram da pesquisa, indústrias com vários anos de existência, consolidadas no mercado e sofrendo menos impacto do Custo Brasil.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Roberto Mendonça de; *et al.* **A Agricultura e o Custo Brasil**. Revista de Política Agrícola, Ano VI, N.01, Jan-Fev-Mar 1997.

BOMFIM, Cláudio Franco. **Impacto do Custo Brasil na Análise de Viabilidade do Desenvolvimento de Veículos Automotores**. Centro Universitário do Instituto Mauá de Tecnologia, São Caetano do Sul, SP: 2013.

BORGES, E. **Um Setor à Beira do Colapso**. Conjuntura Econômica. N.7, 2005.

CANO, Wilson. **A Desindustrialização do Brasil**. Economia e Sociedade, V.21, Número Especial, Campinas-SP, 2013.

CASTOR, Belmiro Valverde Jobim. **Custo Brasil: Muito Além dos Suspeitos Habituais**. Revista FAE, V.2, N2, Curitiba, Mai/Ago 1999.

CASTRO, *et al.* **A Gestão Estratégica de Custos como Diferencial Competitivo para Micro e Pequenas Empresas**. UNISEPE/FUR, 2014.

COSTA, Ana Carolina Ribeiro. **Burocracia e Comércio Exterior: Os Desafios à Exportação Sob a ótica das Micro e Pequenas Empresas Exportadoras do Rio Grande do Norte**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

COSTA, Sandra Bueno Cardoso da; GAMEIRO, Augusto Hauber. **Entendendo o Custo Brasil**. IFMA-ABAR, Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP, 2005.

D'AGOSTO, Marcelo. **Queda do Custo de Capital no Impasse do Setor Elétrico**. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valor-investe/o-consultor-financeiro/2915744/queda-do-custo-de-capital-no-impasse-do-setor-eletrico>. Acesso em 29/02/2016.

DUARTE, Priscila Medina. **Vantagens Comparativas X Competitividade no Comércio Exterior Brasileiro: O Problema do Custo Brasil**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

ELIA, J. **As Distâncias das Telecomunicações no Brasil**. IPEA, Ed. 65, 2013.

FAVERO, Luiz P. *et al.* **Análise de Dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

FERREIRA, Paulo Afonso. **Carga Tributária – Um Nó para a Competitividade e Produtividade Brasileira**. Disponível em: <http://www.premiumbravo.com.br/carga-tributaria-um-no-para-a-competitividade-e-produtividade-brasileira/2015>, acesso em 24/02/2016.

FIEP-PR. **Cadastro das Indústrias 2015 - Paraná**. FIEP, Curitiba, 2016.

FIESP (São Paulo). **Ranking de Competitividade**. Disponível em: <http://www.fiesp.com.br/wp-content/uploads/2006/09/ic-2011.pdf>. Acesso em 22/02/2016.

FIRJAN. **Tarifa de Energia para Indústria Brasileira está 50% acima da Média Mundial**. Disponível em: <http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CEC30E85C950131B3B6A4069BE.htm> Acesso em 01/03/2016.

LAFER, Celso. **Brasil: Dilemas e Desafios da Política Externa**. Estudos Avançados da Faculdade de Direito da USP, São Paulo: 2000.

LIMA, José Raimundo Oliveira; SILVA, Joabe Márlus Lopes da. **A Eficiência da Política Monetária Brasileira como Instrumento Indicativo de Orientação Econômica no Período de 1994 a 2002**. Sítientibus, Feira de Santana, N.43, Jul/Dez 2010.

LIMA, Maurício Pimenta. **Custos Logísticos na Economia Brasileira**. Revista Tecnológica. Centro de Estudos Logísticos. UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

MAMONA, Karla Santana. **Custo da Energia para a Indústria no Brasil é 11ª Mais Cara do Mundo**. Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/negocios/noticia/3200758/custo-energia-para-industria-brasil-11-mais-cara-mundo> Acesso em 01/032016.

NORONHA, Eduardo; *et al.* **Custos do Trabalho, Direitos Sociais e Competitividade Industrial**. IPEA, Cap. 7, 2013.

OLIVEIRA, Dennison de. **A Cultura dos Assuntos Públicos: O Caso do “Custo Brasil”**. Revista de Sociologia e Política. Universidade Federal do Paraná, N.14, Curitiba, Jun-2000.

OREIRO, José Luiz; *et al.* **Porque o Custo de Capital no Brasil é Tão Alto?** UFPR, Curitiba-PR, 2007.

PALHOÇA, Luiz. **Custo Brasil**. Disponível em: http://www.she.com.br/secoes/ver.asp?id_mat=12&id_secao_mat=29-1&id=29, acesso em 22/02/2016.

PAZ, E.M. **A Corrupção no Brasil Atual Conforme a Percepção de Empresários Brasileiros**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2014.

PIMENTEL, Izabella Arruda. **A Corrupção no Brasil e a Atuação do Ministério Público**. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2014.

PORTER, Michael. **Competitive Strategy: Techniques for Analyzing Industries and Competitors**. New York. Free Press, 1980.

RAMOS, Rogério de Carvalho; *et al.* **A Movimentação de Contêineres nos Portos Brasileiros**. CONINFRA – 4º Congresso de Infraestrutura de Transporte. Ago/2010. São Paulo-SP.

REIS, L. M. **Determinantes da Apreciação da Taxa de Câmbio Real Brasileira nos Anos 2000**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013.

RESENDE, Paulo; SOUSA, Paulo Renato de. **Custos Logísticos no Brasil 2014**. Fundação Dom Cabral, Nova Lima-MG: 2014.

RIBEIRO, Isolda Lins. **Patrimonialismo e Personalismo: A Gênese das Práticas de Corrupção no Brasil**. XIX CONPEDI, Fortaleza-CE, 2010.

RICCIARDI, Alex. **O Enigma do Alto Preço da Energia**. Revista O Setor Elétrico, Ed. 80, 2012.

SEBRAE. **Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa**. 2013. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario%20do%20Trabalho%20Na%20Micro%20e%20Pequena%20Empresa_2013.pdf, acesso em 19/01/2016.

SILVA, Luiz Henrique Barbosa da. **Efeito do Custo Brasil nas Telecomunicações**. Revista Telcomp, Ano IV, N.50, 2011.

TREGENNA, F. **Characterizing Deindustrialization: Na Analysis of Changes in Manufacturing employment and output internationally**. Cambridge Journal of Economics, V.33, 2009.

VERRUCK, Fábio. **Processo de Internacionalização das Empresas: Um Estudo Multicaso nas Cinco Maiores Empresas da Serra Gaúcha**. Universidade de Caxias do Sul – RS, 2009.

SOBRE OS ORGANIZADORES

João Dallamuta - Professor assistente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduação em Engenharia de Telecomunicações pela UFPR. MBA em Gestão pela FAE *Business School*, Mestre pela UEL. Doutorando pelo INPE na área de pesquisa de gestão de projetos e produtos espaciais. Trabalha com os temas: Inteligência de mercado, Engenharia da Qualidade, Planejamento Estratégico, Empreendedorismo.

Luiz César de Oliveira - Professor adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)- Campus Cornélio Procópio. Graduação em Economia, Especialista em Economia Empresarial pela UEL e Mestrado em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Doutorado em andamento em Economia, Gestão e Tecnologia pela Universidade de Coimbra - Portugal. Trabalha com os temas: Economia, Gestão e Desenvolvimento Econômico, Empreendedorismo e “Triple Helix”.

Henrique Ajuz Holzmann - Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduação em Tecnologia em Fabricação Mecânica e Engenharia Mecânica pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Doutorando em Engenharia e Ciência do Materiais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Trabalha com os temas: Revestimentos resistentes a corrosão, Soldagem e Caracterização de revestimentos soldados.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações didáticas 1, 2, 5

Agricultura familiar 75, 76, 77, 78, 80, 217

ANEEL 220, 221, 224, 228, 229, 230, 231, 232, 243, 251, 252

C

Características comportamentais empreendedoras 44, 54

Competitividade 38, 40, 45, 59, 64, 68, 69, 74, 95, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 213, 246, 251, 268, 269, 273, 290, 303, 304

Cooperação 23, 66, 163, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 318, 346

CT&I 56, 59, 60, 61, 62, 66, 70, 71, 72

Cultura empreendedora 13, 15, 16, 17, 23, 210

Custo Brasil 110, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 122

D

Desafios 2, 8, 11, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 39, 40, 44, 47, 51, 52, 55, 98, 99, 102, 103, 105, 108, 109, 116, 121, 136, 138, 158, 159, 162, 163, 171, 175, 177, 208, 213, 222, 223, 226, 240, 244, 250, 255, 263, 269, 318

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 80, 83, 86, 99, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 136, 138, 139, 141, 144, 148, 150, 157, 159, 164, 171, 174, 177, 198, 204, 208, 209, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 223, 225, 232, 240, 244, 246, 247, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 266, 268, 270, 271, 272, 273, 276, 281, 283, 289, 290, 291, 299, 300, 308, 312, 315, 316, 318, 323, 324, 327, 330, 340, 344, 345, 346

Desenvolvimento organizacional 110, 216, 217

Dívidas 32, 123, 125, 295

E

Ecossistemas 13, 23, 255, 256

Educação 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 20, 54, 55, 64, 80, 96, 100, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 142, 144, 145, 158, 164, 169, 207, 208, 214, 218, 274, 301, 317, 331, 342

Educação a distância 1, 12, 136, 144, 274

Empreendedor 4, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 37, 38, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 75, 76, 80, 81, 98, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 109, 137, 138, 141, 147, 148, 149, 157, 174, 175, 176, 193, 195, 197, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 212, 213, 216, 219, 247, 248, 255, 258, 261, 288

Empreendedorismo rural 75, 77, 80

Empreendedorismo social 11, 21, 77, 98, 100, 109, 208, 217

Empreendimento 30, 33, 37, 39, 40, 98, 99, 102, 107, 108, 109, 156, 176, 197, 198, 204, 231, 255, 257

Energia convencional elétrica 220, 235, 236
Energia solar fotovoltaica 220, 222, 223, 224, 225, 232, 236, 237, 240, 241, 242, 243, 244
Equity 21, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 182, 187, 191, 192, 193, 250, 314
Estratégia 9, 11, 31, 34, 38, 39, 64, 69, 72, 81, 82, 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 125, 204, 253, 265, 270, 280, 287, 288, 297, 298
Estudos de validação 136

F

Finanças 19, 105, 123, 124, 127, 131, 134, 135, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 182, 191, 192, 193, 194, 245, 286, 287, 289, 290, 294, 297, 300, 335, 343
Finanças comportamentais 173, 174, 176, 177, 178, 182, 191, 192, 193, 194
Forças competitivas 84, 96

G

Geração Z 44, 45, 46, 48, 49, 53, 54
Gestão escolar 1, 2, 3, 4, 6, 11

I

Índice de Validade de Conteúdo 136, 138, 139, 140
Influência 17, 37, 47, 59, 84, 107, 154, 158, 160, 161, 165, 166, 167, 170, 182, 202, 272
Informalidade 21, 113, 145, 156, 157, 264, 269
Inovação aberta 246, 247, 250

L

Liderança 47, 71, 85, 86, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 209

M

Mercado 17, 18, 19, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 59, 63, 65, 71, 72, 83, 86, 92, 100, 102, 103, 105, 106, 111, 114, 116, 119, 120, 126, 143, 145, 146, 147, 149, 153, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 208, 209, 210, 211, 213, 216, 222, 228, 246, 247, 250, 251, 252, 253, 254, 258, 259, 261, 264, 265, 266, 268, 270, 278, 289, 290, 291, 300, 311, 340
Microempresas 145, 146, 148, 149, 150, 250
Móveis 82, 83, 84, 86, 87, 88, 96, 97
Mudança 99, 100, 158, 160, 161, 168, 170, 182, 249, 305, 306, 308, 315

N

Necessidade 1, 3, 4, 16, 27, 28, 29, 31, 39, 40, 46, 47, 59, 63, 65, 69, 72, 80, 93, 102, 105, 127, 140, 147, 190, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 204, 211, 230, 232, 238, 249, 267, 271, 277, 299, 301, 304, 305, 314, 315, 316, 318, 321, 325, 332, 333, 337, 340, 341, 344

O

Oportunidade 2, 27, 28, 29, 42, 51, 59, 99, 100, 106, 137, 147, 150, 162, 195, 197, 198, 200, 202, 203, 204, 206, 255, 256, 258, 309

P

Perfil 4, 7, 9, 11, 24, 45, 46, 50, 53, 54, 55, 78, 80, 105, 106, 109, 113, 157, 158, 159, 161, 166, 167, 170, 171, 182, 187, 204, 206, 215, 219

Política industrial 56, 57, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 74

Porter 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 96, 97, 122, 150, 157

Produtor rural 75

Propriedade intelectual 56, 62, 71, 72, 73, 245

R

Redes 13, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 35, 48, 52, 59, 105, 108, 115, 218, 226, 246, 251, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274

Redes de cooperação 262, 263, 264, 266, 267, 268, 270, 272, 273

S

Startup 25, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 187, 189, 190, 191, 245, 246, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261

T

Tech venture capital 173, 174, 175, 191

Técnicas de análise de investimentos 220, 232, 233, 238, 240

Teoria da ancoragem 173

Teoria de representatividade 173

Teoria dos prospectos 173, 193

Tomada de decisão 5, 6, 52, 173, 174, 175, 176, 177, 191, 234, 275, 277, 278, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 290, 294, 298, 299

Turbulência 195, 198, 204

V

Venture capitalist 173, 174, 175, 176, 182, 191

Viabilidade econômica 220, 222, 243

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-774-1



9 788572 477741